

Mathilde, a PioneiraElza Sbrissia Artigas¹Maria Luiza Fava²

(Entrevistadoras)

**Introdução**

Mathilde Neder, nascida em Piracicaba, São Paulo, em 30 de novembro de 1923, destacou-se pela sua atuação em Psicologia Hospitalar, Psicoterapia Breve, Psicoterapia Familiar e Psicossomática. Licenciada em Pedagogia pela Universidade de São Paulo, em 1946, especializou-se, pela mesma universidade, em Psicologia e Sociologia Educacional, Administração Escolar, Pedagogia e Psicologia Clínica (Mathilde Neder, n.d.).

¹ Psicoterapeuta sistêmica com formação em Psicodrama e Terapia do Esquema. CRP 08/1847. Coordenadora da Clínica Social da APRTF.

² Psicoterapeuta sistêmica. Analista junguiana pelo IJPR/AJB/IAAP. CRP 08/1795. Coordenadora da Clínica Social da APRTF.

Mathilde teve, também, atuação destacada na criação e coordenação de novos cursos de Psicologia. Promoveu, em 1982, o primeiro Encontro Nacional de Terapia Familiar. E entre 1991 e 1997, realizou pós-doutorados em Terapia Familiar nos Estados Unidos, no México e na Itália (Mathilde Neder, n.d.).

A consolidação e o crescimento profissional do psicólogo foram possíveis por meio da contribuição da doutora Mathilde, que teve papel destacado na Sociedade de Psicologia de São Paulo, a partir de 1958, participando ativamente das discussões do projeto que resultaria na Lei n.º 4.119, de 1962, que regulamenta a profissão (Mathilde Neder, n.d.).

Nós, Elza e eu, Maria Luiza, no ano passado, logo no início da pandemia, começamos a nos “encontrar virtualmente” para discutir o desejo de fazermos entrevistas com os terapeutas de família brasileiros que foram importantes para o desenvolvimento da prática sistêmica, com o intuito de transformar isso em livro. E a primeira pessoa que nos ocorreu foi a Mathilde Neder. Nosso primeiro contato com ela, em 1991, aconteceu num curso de Extensão em Terapia Familiar Sistêmica, organizado e coordenado por Carlos Sluzki em Williamstown, Massachusetts, nos EUA. Ela revelou-se muito participativa, curiosa e companheira. Depois dessa convivência intensa de um mês, passamos a reencontrá-la em seminários e congressos afins. Assim, elegemos Mathilde como a nossa primeira entrevistada. Havíamos estabelecido que o foco seria que cada terapeuta contasse a sua história familiar e fizesse as articulações com suas escolhas teóricas e práticas.

Pelas sincronicidades, um dia, participei de uma agradável live coordenada por Agda Maffei, presidente da APTF, cuja convidada e homenageada era a própria Mathilde. Logo em seguida, outra coincidência. Num sábado pela manhã, despretensiosamente assisti a outra live, a do psiquiatra e terapeuta familiar Marcos Naime Pontes, e qual não foi minha surpresa ao descobrir que a ocasião era para a apresentação do seu livro *Construção pela Vivência em Terapia Familiar*, gestado durante nove anos. Um livro muito bem estruturado, com os depoimentos dos principais terapeutas de família brasileiros, e a Mathilde naturalmente fazendo parte desse elenco.

No entanto, antes de tomar conhecimento desse livro, já havíamos feito contato com a também psicóloga Christina, sobrinha da Mathilde, para operacionalizar a entrevista e já havíamos conversado com a própria Mathilde, convidando-a para a empreitada, convite prontamente aceito. Ficamos num pequeno impasse, mas decidimos manter o combinado com ela. Assim, esta agradável e divertida entrevista revestiu-se, para nós, de outro propósito e direcionamento.

Entrevista realizada em 22 de novembro de 2020

Elza: Vamos começar esta história pela menina esperta e intrépida que subia até nas árvores. Está aí essa menina, Mathilde?

Mathilde: Essa menina é a única de quem me lembro, porque de tudo o mais não recordo. Lembro de mim em cima das árvores, passando de uma para outra sem descer no chão. Eu gostava, era a minha vida, sabe? Vivia correndo atrás dos meninos que jogavam bola. Não que eu fosse menino, mas era o movimento. Então, ficava atrás da bola. E eles estavam cheios da Mathilde, não sabiam como se livrar dela. E sabiam que, se tentassem, minha mãe reagiria e os obrigaria a me incluir. Tinham que me tolerar porque minha mãe trabalhava muito e não tinha tempo. Eu entendia isso, mas eles não queriam saber. Então brincavam comigo dizendo que eu era do time dos bandidos e me prendiam para ficarem livres de mim. Mas eu descobria jeitos de escapar da prisão e dizia: “*a Mathilde fugiu, fugiu da prisão.*” Tive uma infância danada, mas assim, de elaboração, de entender como dominar o grupo, como obrigar o grupo a me aceitar porque não tinha outro jeito. Os meninos tinham que me aceitar porque eu brincava com o grupo dos homens.

Christina³: Sempre independente... Fugindo das prisões.

Elza: É interessante como, nesse recorte da infância, a gente enxerga mesmo a Mathilde. Aquela que está em outro plano, vendo as coisas por outro ângulo.

³ Christina Ribeiro Neder Cerezetti. Doutora em Psicologia Clínica e sobrinha de Mathilde Neder. CRP 06/20361.

Christina: É interessante, pois o comentário que sempre se ouvia no hospital era de que as pessoas que seguiam Mathilde eram livres. *“Ela nunca aprisiona ninguém.”*. Dava independência, queria ensinar, mas as pessoas eram livres. E falava: *“Vocês não me devem nada, sigam suas vidas. Não precisam pôr o meu nome em nada que escreverem, vocês são livres.”*. E ela ajudava, mas não queria essa dependência, essa lealdade que se vê em muitos grupos, especialmente na Psicologia.

Mathilde: Eu, então, quando estava em cima das árvores, passava de uma para outra segurando nos galhos. E havia uma voz, embaixo, no chão, que era de um rapazinho que mamãe praticamente criava. Ele embaixo, no chão, e eu em cima na árvore. De vez em quando, eu ouvia sua voz: *“Esse galho não.”*. Porque eu passava de uma árvore para outra, podia cair, e ele, de baixo, controlava.

Maria Luiza: Ou cuidava?

Mathilde: É, cuidado. *“Aí não, passe na outra, aqui tem um galho.”*. Então, é muito interessante como as crianças se ajudam.

Elza: Estou encantada com essa história, Iza. Porque assim vamos vendo toda esta mobilidade e como a vida da Mathilde foi pautada pelo movimento. O passar de uma árvore para outra, e você foi pioneira em tudo que fez. Foi passando de uma árvore para outra, criando ali uma floresta.

Mathilde: É verdade, é verdade. Que coisa, pensa! Olhando agora, você vê. Não era fácil não, mas era gostoso. E eu achava aquilo possível, não era nada impossível. Era simples, era só pegar um galho da outra árvore e passar. E o Tião, lá debaixo, dizia o perigo. É curioso... também havia um tempo em que eu era, num certo sentido, muito controlada pelo meu irmão. Eu tinha um irmão que estudava num colégio particular. Era o seu pai, Christina. Naquele tempo, ele ainda não conhecia sua mãe. Era o Zezinho. Ele era líder. Era sim, um mandão que me controlava em tudo, estava bem acostumado a fazer isso. Então foi difícil para ele, quando se casou, ficar sem me controlar. Mas buscava de qualquer forma e me dava coisas: tenho um relógio que ele me deu, tenho mais um não sei quê. E ele me amarrava, ia

ver o que eu fazia na minha casa, que amigas eu tinha, controlava minhas amigas. Era fogo, o meu irmão.

Maria Luiza: Ele cuidava. Ao modo dele, ele estava cuidando.

Mathilde: É, na cabeça dele estava me cuidando, mas me controlava. Para mim, aquilo era controle.

Christina: Como se fosse no lugar do seu pai, não é?

Mathilde: É, no lugar do meu pai. Exato, ele era controlador.

Elza: Parece que ela sabia fugir muito bem desse controle, não é Christina?

Christina: Muito bem, a vida toda. Ela viajava sem avisar. E nos perguntávamos: “*Nossa, cadê a tia?*” “*A tia não veio aqui nesse domingo?*”. De repente, vinha um telefonema: “*Oi, estão todos bem aí?*” “*Tia, onde a senhora está?*” “*No Egito.*”. Então ninguém controlava nada, era uma borboletinha livre.

Mathilde: Era o que eu conseguia, não era fácil não. Simplesmente era como se eu pegasse o trem e fosse embora. Passa o trem por aqui, pego e vou.

Maria Luiza: Mathilde, você contando essa história das árvores, eu lembrei que foi adepta de várias teorias. Você não era aquela pessoa que falava “*só isso serve*”. Quando a Elza falou na floresta, eu pensei na profissão. Você namorou com vários saberes, não tinha uma visão limitada. Desde pequena, não, Christina?

Christina: Desde pequena! E era a professora que dava várias disciplinas, várias modalidades. Então, assim, ela sabia de todas as teorias. E acho que foi pegando melhor até chegar à Sistêmica, que é sua paixão, não, tia?

Maria Luiza: Desde o início, ela foi uma terapeuta infantil com olhos voltados para a família. Mathilde, como era essa busca? Porque, desde 1948, você viajava. Foi para o Chile, depois para o Peru. Audaciosa também, não, Christina? Foi lá para Machu Picchu à noite, ficando sozinha.

Christina: Ela ia atrás da pesquisa, do conhecimento, ganhava bolsa para estudar.

Mathilde: Quando eu via, ganhava bolsa. Não pedia porque nem sabia da importância daquelas bolsas, mas ganhava. Noemy⁴ me pedia desculpas de não me colocar na USP trabalhando com ela. Eu disse: “*Mas eu não quero trabalhar na USP.*”. Falei claro para ela: “*É com você que eu quero ficar.*”. Então ela ficou comigo. Ia para o Rio de Janeiro, e eu estava por perto, porque ela me punha perto dela. Ela entendeu isso e concordou, porque também a livrava do Arrigo⁵ e das críticas: “*O que ela está fazendo ali com mais uma?*”. Então ela se permitia, dizia que tinha seus assistentes particulares e seus assistentes da universidade. E assim todo mundo ficava quieto porque eu era assistente particular.

Maria Luiza: Ela foi muito importante na sua vida, não, Mathilde?

Mathilde: A Noemy foi o ponto número um para mim. Eu estava em Campinas quando ela foi convidada para dar uma conferência para nós. Foi a professora francesa Madame Peter que a convidou na ocasião. E Noemy, surpreendentemente, ao invés de fazer a conferência, como estávamos esperando, levou os alunos. E estes fizeram a exposição. E ela ficou assistindo, comentando, discutindo. E eu fiquei admirada: “*Como? Que professora é essa? Eu quero essa professora!*”. Foi aí que eu decidi que queria ir para São Paulo.

Maria Luiza: É a ressonância, não, Mathilde? Era no que você acreditava. Como a Christina disse, Mathilde faz crescer quem está em volta.

Christina: Isso, é isso aí. O que ela mexe, vira ouro.

Maria Luiza: Seu pai faleceu cedo, e com que sua mãe trabalhou para cuidar de cinco filhos?

Mathilde: Você sabe que o libanês tem fama de viajante e ele é mesmo viajante. Minha mãe era como todo libanês. Quando meu pai vivia, pegavam o carro, botavam roupa dentro e iam vender no sítio. Quando chegavam, o pessoal do sítio ficava amigo deles. Então o que acontecia? Eles dormiam por lá, na casa dos amigos, dos negociantes, dos fregueses. E estes fregueses, quando iam à cidade, compravam na nossa casa e dormiam por ali mesmo, porque também não tinham onde ficar.

⁴ Niephe. Noemy da Silveira Rudolfer. Ver: <https://sites.usp.br/niephe/mulher-inovadoras/noemy-da-silveira-rudolfer/>

⁵ Entrevista com o Prof. Dr. Arrigo Leonardo Angelini. Ver: <https://www.scielo.br/j/pee/a/nGCrJszNHNHQCPK5gLcr4mN/?lang=pt>

Maria Luiza: Então sua mãe vendia roupas.

Mathilde: Vendia roupas. Era uma casa muito importante na cidade. A casa da minha mãe tinha três partes: uma parte antiga; outra parte mais moderna; outra mais moderna, moderníssima até. Tudo bem dividido no local. As pessoas que vinham do sítio compravam de um lado, eram tecidos mais duros, fortes. E os grã-finos da cidade iam comprar, da minha mãe, a roupa chique, o tecido fino.

Elza: E você? Como continuou sua história?

Mathilde: Eu estava em São Paulo, tinha que fazer muita coisa importante, e Noemy tinha me dado x atribuições. O que aconteceu? Fui para Piracicaba porque minha família estava me chamando. Só quando cheguei, fiquei sabendo que minha mãe estava doente. Minha família havia me poupado o tempo todo. Eu estava muito bem em São Paulo, no bem bom, trabalhando gostoso, dando cursos, dando aulas. Como me chamaram, eu fui. Quando cheguei, vi que minha mãe estava doente, na cama. Foi um susto muito grande. Entendi que minha mãe estava muito mal e porque o pessoal não me falava nada. E entendi que o meu lugar era ali. Então escrevi uma carta para minha amiga Edieu, e ela mostrou à Noemy. E, na carta, eu disse: *“Edieu, não vou mais para São Paulo, estava sendo egoísta, estava fazendo isto por mim, pois queria ficar aí com Noemy. Não vinha para cá, pois pensava que era aí que tinha que ficar. Mas não é não, meu lugar não é aí, meu lugar é aqui perto da minha mãe.”*. Escrevi que eu tinha que pôr minha mãe na frente de Noemy. Então foi que ela decidiu que ia ficar comigo. Aí soube que ia ficar, que Noemy fazia questão que eu ficasse com ela.

Maria Luiza: Foi melhor, não?

Mathilde: É, foi melhor. Edieu não lembra disso, eu acho. Nós temos as nossas desavenças, mas há algo firme entre nós e sempre estamos próximas. Por mais que a gente discorde disso ou daquilo, nós estamos acordes em muita coisa. Bem, então, estando em Piracicaba ou em São Paulo, eu tinha aquela história de ir para o interior, ou viajar, ou ir para Piracicaba.

Christina: Uma desbravadora, como toda libanesa.

Mathilde: Minha irmã mais velha teve quatro filhos, que foram muito bem-sucedidos na vida, e todos eles tinham olhos de cuidadores para mim.

Christina: É a tia querida.

Maria Luiza: Todo mundo quer cuidar da Mathilde.

Mathilde: Exato, e a Mathilde fugia pelos lados, escapava.

Elza: Os sobrinhos têm importância na vida da Mathilde. Poderiam comentar sobre isso? O que é ser sobrinho da Mathilde? Falamos pouco sobre este tema na Terapia de Família.

Christina: É uma tia extremamente querida. Nos aniversários, eu era pequena, ninguém cantava o “*Parabéns*” enquanto ela não chegasse. Então era assim, até ela vir ninguém podia cantar e ela estava sempre atrasada. Atrasada para nós... E, quando chegava, era festa: “*Aí, a tia Mathilde chegou!*”. Minha sobrinha me chamou a atenção porque observou que eu falo: “*Ah, minha tia fez isso, fez aquilo...*” “*Conseguiu não sei o quê...*”. E virou-se para mim e falou: “*É, você só tem uma tia, a tia Mathilde. Por isso você fala ‘minha tia’.*”. Foi aí que caiu minha ficha. Eu falei: “*Nossa, é mesmo.*”. Só para vocês saberem da importância da minha tia.

Mathilde: E eu era danada porque usava, usufruía desse amor e, ao mesmo tempo, era doadora. Como eu conseguia, não sei!

Maria Luiza: É o seu charme.

Christina: Ela é um exemplo de amor para todos nós, sabe? Exemplo de amor, de integridade.

Elza: SPA para nós tem uma referência, mas para você parece que é outra coisa. Pode explicar isso? Eu estava pensando sobre o que é um SPA, mas para você não é lugar de se tratar ou descansar, é um Sacrifício Por Amor e parece que é uma vivência antiga.

Mathilde: E eu escrevia SPA atrás das portas, porque tinha receio de que eu mesma não respeitasse isso. Então, punha lembretes para mim: “*Mathilde, seja controlada, você não pode ter tudo que quer. Você tem que fazer também seu sacrifício, não é assim: você tem tudo, tudo, tudo, SPA, sacrifício por amor. Você gosta deles? Gosta, então vamos fazer sacrifício, tem que fazer.*”. Então eu aprendia a me controlar, aprendia a doar mais do que eu doava, achava que doava pouco. E era pouco, relativamente.

Christina: Minha tia doava pro universo.

Mathilde: É, eu achava pouco o que doava. Mas então assim, eu recebia de Noemy e sabia que ela dava com gosto, e eu também dava com gosto para todo mundo.

Elza: Acho que o que recebeu da Noemy você mais do que multiplicou. Não foi, Christina?

Christina: Sim, e é muito interessante: uma líder forma líderes. E foi isso que eu vi minha tia fazer a vida inteira. É por isso que hoje, aos 97 anos, ela é totalmente independente, vive a vida dela, na casa dela.

Mathilde: Eu fiquei furiosa e agora ando muito brava. Olha, sabe o que acontece, sei que já tenho idade para morrer, mas acho esquisito isso.

Christina: Falei que na lápide dela vou colocar: “*Aqui Mathilde, mesmo a contragosto.*”.

Mathilde: Mas o lugar onde vou ficar, eu gosto. Lá por enquanto está seu pai. Vamos tirá-lo de lá e mandar trazer para São Paulo junto com sua mãe. O destino é tirar seu pai de lá e pôr junto aqui, você sabe onde, ficar quieto é lá.

Elza: Esses libaneses viajam até depois de falecidos.

Christina: Eles não param nunca.

Mathilde: Não param. E eu vou ficar em Piracicaba. E ficando lá, meu pai, minha mãe e eu vamos ficar nós três. Só que já estão só ossos...

Christina: Isso, as ossadas.

Mathilde: Ossada. E eu, no começo, não serei, mas depois vou ficar também e ficarei lá. Agora, é curioso porque... onde que eu fico? No futuro?

Christina: No futuro a senhora volta para cá como uma Buda, vai fazer muita coisa ainda...

Mathilde: Então está bom. Estou com vocês, pronto.

Elza: E você sempre pioneira...

Mathilde: Pioneira do quê?

Elza: Em tudo. Você viu a Psicologia nascer, viu a Psicossomática tomar corpo, a Psicologia Hospitalar, você fundou a ABRATEF, o Conselho Regional de Psicologia, fundamentou essa profissão. Eu brinquei até que você é a música do Raul Seixas: “*o início, o fim e o meio.*”. Você está em todas. Nasceu há 10 mil anos e vai voltar aqui, vai ficar sempre por aqui. Como é isso, Mathilde? Você se dá conta dessa grandiosidade?

Mathilde: Olha, não me pesa nada porque abro mão. O outro pode sair, voar, sentar, correr... o que ele quiser. Se ele fala: “*Mathilde, eu quero, me ajuda?*”, eu estou ali, mas também não obrigo o outro a me querer. Ele não é obrigado a me querer, eu quero. É interessante, esses meus amigos... viajam comigo, porque eu disse para você que sou viajante, eu sou mesmo. É curioso porque você falou em sobrinhos lá atrás. Eu tinha dois sobrinhos que estavam praticamente doentes. E não é que fossem só doentes, eles se encontravam e, ao mesmo tempo, se separavam. E eu estava perto, tinha sobrinhos com quem eu me dava mais dependentemente e tinha sobrinhos que não, que eu mais observava. É curioso isso... Eu ainda vou investigar melhor essa parte desses sobrinhos que se foram: foram dois que morreram assim, dois irmãos. E eu tive muita tristeza porque eles, num certo sentido, estavam infelizes. Mas foram, e ficaram duas irmãs, os dois meninos morreram, e as duas irmãs estão aí. Uma é a Eliana, e a outra é a Sonia. Sonia está muito bem-casada.

Christina: Viram como ela foge? Estavam falando da grandiosidade dela. Isso eu chamo de humildade.

Mathilde: Por que humildade?

Christina: Mil idades... Só uma pessoa que realmente já viveu muito pode lidar com todo esse sucesso de forma tão natural. É como se isso fosse sua vida. “*Fazer isso era o meu propósito.*”

Mathilde: E é muito interessante, esses meus sobrinhos, eu tenho muita pena, porque que eles não estão todos. E ontem, telefonou uma delas e disse: “*Olha que pena, nós não podemos ir por causa desse bichinho aí.*”

Christina: Covid.

Mathilde: Esse tal de Covid sei lá o quê. Minha sobrinha estava reclamando: “*A gente não pode ficar junto.*”. E eu falei: “*Eu também, eu quero.*” “*Mas quem sabe nós conseguimos, vamos dar um jeito. Não sabemos que jeito, mas vamos dar um jeito de nos encontrar.*”

Christina: Mas ela também foi pioneira na Psicoterapia Breve. Era uma grande modalidade dentro do HC, e Mathilde dava um curso muito importante, da Psicoterapia Breve à

Psicanálise. E ela fazia um paralelo para mostrar de onde a primeira tinha realmente vindo...

Era lindo, não, tia?

Mathilde: Era interessante, muito interessante. Tinha Psicoterapia Breve no país de onde era o marido da Odette Lourenção⁶, o Theo⁷. Theodorus... O país dele era lá da Europa.

Christina: Holanda.

Elza: Mathilde, você sempre foi esta pessoa para o mundo, não? Teve tantos filhos pelo mundo e não teve seus filhos biológicos. Isso foi uma escolha? Isso foi por cuidar de tantos outros filhos?

Mathilde: No final já era construção de vida, não tinha mais jeito. Houve uma época em que o mundo não iria conhecer a Mathilde porque eu ia ficar em Piracicaba.

Christina: Ia casar...

Mathilde: Tinha planos de casamento... Primeiro era só um namoro, mas houve um desentendimento, e fiquei muito ofendida. A ofensa foi: eu tinha esse namorado e ele tinha uma motocicleta e vivia rondando minha casa com aquela motocicleta para lá, para cá, para lá, para cá. Minha mãe já sabia que o negócio daquela motocicleta era comigo. E ela e minha tia, uma olhava para outra, sabiam que tinha alguma coisa com aquela motocicleta. Um dia, eu fui passar as férias em Jaboticabal, onde minha irmã morava, ela e o Bernardo, seu marido. E, quando cheguei de viagem, fui ter a primeira entrevista com o namorado e, então, ele pergunta: "*Como é, arranjou muitos namorados lá?*". Eu me ofendi, eu fiquei ofendida, fiquei violentamente ofendida: "*Como, se eu sou namorada dele, ele pergunta isso? Então, ele não me considera namorada dele.*". Como é que ele pergunta se eu arranjei um namorado? Se namorei muito por lá? E eu respondi: "*Mais ou menos.*".

Maria Luiza: Terminou com ele aí.

Mathilde: Terminou aí e acabou tudo, acabou aí, acabou São Paulo, acabou. Acabou namoro de Mathilde.

⁶ Ver: Instituto de Psicologia. Odette Lourenção. <https://www.ip.usp.br/site/odette-lourencao-van-kolck/>

⁷ Avaliação Psicológica. Odete Lourenção van Kolck. Ver: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712004000100008

Maria Luiza: E aí você casou com o mundo, com as universidades.

Christina: E, além disso, continua uma mulher vaidosa.

Mathilde: Houve um momento que eu ia deixar crescer os cabelos, ia fazer um pitote. Eu ia me fantasiar de senhora.

Maria Luiza: Mathilde, deixa para ficar senhora daqui uns anos, ainda é cedo.

Mathilde: Aí, outro dia eu estava me olhando e falando assim: *“Com tal idade, tal idade... eu vou ter que morrer com que idade? Ai que raiva, já está muito perto!”*.

Maria Luiza: Seja com a idade que for, Mathilde, você viveu e vive bem.

Mathilde: Estou querendo viver mais, sabe? Não estou com vontade de morrer não. Eu gosto da minha vida.

Maria Luiza: Então não vai, é cedo! Não vai. Você ainda vai se tornar uma senhora.

Mathilde: Não vai dar tempo! Sabe, estava ontem à noite, na cama, pensando. Demoro para dormir porque vejo um programa que começa lá pela uma hora da manhã, o do Bial. Então, enquanto não chega a hora de começar, não durmo e fico esperando. Assisto e tenho dificuldade de dormir, porque já é tarde. Eu gostaria que esse programa do Bial fosse umas três horas mais cedo, no máximo até às 23 horas. É uma pena, é um programa tão bom, mas passa às duas horas da manhã, e é muito tarde. E é gente importante que ele entrevista, é gente importante. E eu gosto muito, eu faço questão de assistir, de participar, mas, infelizmente, o programa é muito... muito tarde... Eu estava esta noite pensando assim: *“Mathilde, pense em desistir do programa do Bial. Pense, você vai desistir, você tem que desistir, faz uma força. Faça um sacrifício. Um SPA, um sacrifício, desiste do programa do Bial.”*.

Christina: Por amor à vida.

Mathilde: É, mas tem o seguinte que eu vou falar para você, tenho uma empregada que só pensa na minha morte, e eu fico uma onça. Se ela me ouve falar, vai ficar magoada. Ela pensa na minha morte, quer que eu morra. Ela está esperando, achando que estou perto de morrer, entendeu?

Christina: Só quem se diverte com o tema da morte é porque já se divertiu com a vida.

Mathilde: Isso, não estou a fim de morrer ainda, não quero morrer ainda.

Christina: Pronto, a senhora pode ficar, está decretado! Hoje nós decretamos, pode ficar o quanto quiser.

Mathilde: Está bem. Se eu morrer, morri, pronto. Estou tentando fazer com que ela pense em mim de uma maneira útil. Não está fácil para ela me tratar. Eu quero ser tratada como útil, e ela quer me tratar como dependente próxima da morte.

Elza: Nossa, isso que você está falando é muito profundo, porque assim é você, Mathilde. Aprendendo, aprendendo até agora, aprendendo a se colocar de um jeito diferente. Não é esse o lugar. E você diria: “*Vocês querem me pôr nesse lugar, desse jeito, mas eu quero outro.*”. E se colocando desafios. Se você tem o propósito de ver o Bial tal hora, até isso é um desafio. É uma quebra de paradigma, “*é hora de velhinho estar dormindo.*”. Mas você diria: “*mas eu quero poder ver alguma coisa, eu me desafio para isso.*”.

Maria Luiza: Ela não é senhora ainda, pode ver o Bial muito.

Mathilde: Eu fiquei muito orgulhosa de estar aqui com vocês. É muito importante para mim estar aqui com vocês, eu gostei muito.

Elza: É uma honra, um prazer. Nos sentimos junto com você andando nas árvores.

Mathilde: Que beleza! Que belezinha, o meu controle era lá embaixo. Ele assobiava e dizia assim: “*Esse é muito mole.*”. E era mesmo um galho muito mole, que, se eu pegasse, podia cair, passando de uma árvore para a outra. Então eu tinha um ajudante lá embaixo, então eu tenho meus amigos, meus parentes.

Christina: E só para perguntar, será que ela escutava alguém?

Mathilde: Eu escutava, escutava sim. Ele falava “*esse não*”, eu tirava a mão. Eu podia cair, e ele dizia lá de baixo: “*Esse galho não, esse não.*”. E eu já sabia que era “*esse galho não*”, pois podia cair.

Christina: Ao longo da vida dela, quando falavam “*Não vai.*”, ela falava “*Vou.*”, e dava certo.

Elza: E lá vai a Mathilde pelo mundo. A Mathilde que não é imortal, mas será eterna.

Considerações Finais

Nós, da Psicologia, conhecemos a densidade e a consistência da vida profissional da Mathilde. Nesta entrevista, ela revela leveza e seu lado lúdico, frutos de muita experiência e vitalidade. Tivemos o privilégio de acompanhar a Mathilde criança: destemida, desbravadora, apoiadora e com olhar diferenciado. Mathilde não aprisiona e não se deixa aprisionar. Se precisar, foge dos padrões. Luta pelo seu direito e do outro, considerando-o sempre como um ser legítimo num lugar legítimo.

Mathilde vai atrás dos seus desejos, participando e atualizando-se nos eventos acadêmicos e culturais, sempre com afinado senso de humor e grande humanidade – até para falar da vida e da morte. O que nos impressiona nela é o brilho nos olhos, a vida que pulsa, buscando-a nas mínimas frestas!

Sua vida tem sido pautada por uma visível humildade. Justamente por não se preocupar em buscar os picos, acabou alcançando vários. Então, formou uma cordilheira sólida – importante para a profissão do psicólogo – da Psicossomática, da Psicoterapia Breve e, principalmente, da Terapia Familiar.

Mathilde é daquelas pessoas iluminadas que conseguem colocar em evidência o brilho do outro!

"Liberdade é pouco. O que eu desejo ainda não tem nome." (Clarice Lispector).

Referências

Mathilde Neder. Homenageado. *Psicol. cienc. prof.*, 25(2). Recuperado de <https://www.scielo.br/j/pcp/a/PF597wjRqTrtLnryMRSGvZc/?lang=pt>